

TV Analógica e TV Digital: como conviver com os dois formatos?

Willians Ceruzzi Balan
Setembro/2009

Autores, pesquisadores e profissionais da área de produção em televisão reconhecem que a imagem exerce profunda influência em todos os segmentos da sociedade moderna.

A televisão, tida unanimemente como meio predominante tem, neste recurso, seu mais expressivo apelo na comunicação de massa. Reconhecem que a elaboração da composição visual na televisão é resultado da influência dos elementos da composição artístico-espacial que caracterizam a produção visual no cinema, seu antecedente comunicacional. Por esta ligação embrionária, reconhece-se que a estética televisual na TV analógica foi influenciada pela imagem do cinema que, ao ser transposta assimilou formato eletrônico distinto. Do seu lado, e por trazer padrões tecnológicos diferenciados, a TV Digital altera inúmeros padrões estético-espaciais mudando a proporção da tela da TV do formato 4:3 para o 16:9, além de possibilitar a recepção audiovisual digital em dispositivos móveis.

“O HD [tecnologia de alta definição] enxerga tudo, sem exceção (...) com essas imagens, aumenta a preocupação com maquiagem, figurino e cenografia. Cabe ao diretor promover esse avanço para a nova era.”
(MONJARDIM, 2007)¹

Por todas estas razões, entendemos que estes avanços tecnológicos justificam estudos acadêmicos aprofundados que versem sobre as novas características da imagem, diagnosticando e sistematizando as vertentes técnicas e cognitivas de significância que traz este novo suporte comunicacional.

Sabe-se que os profissionais de televisão desenvolvem suas atividades em ritmo fortemente acelerado para conseguir atender aos cronogramas de produção dos programas. Trata-se de processo industrial árduo e rigidamente formatado e estruturado para atender a padrões que, pela pressão do tempo, nem sempre são impecáveis na qualidade visual entregue aos telespectadores. Se os métodos de trabalho consagrados e praticados para a produção de televisão no modelo atual,

¹ Jayme Monjardim in “TV digital é a revolução da imagem”, site G1 da TV Globo disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL178264-6174,00.html>

analógico e com a relação de aspecto da imagem de 4:3, obedecem a prática aplicada há muitos anos, pesquisadores indicam que é constatável que as emissoras não se preocuparam com a formação de seus técnicos para a construção de imagens, optando pelo empirismo na feitura destas. Apesar dos diversos treinamentos internos oferecidos aos funcionários da área técnica, os responsáveis pela composição da imagem nas funções de direção de TV e operação de câmera recebem orientações passadas de profissional para profissional, no uso prático da produção imagética. Os profissionais nestas funções responsáveis por programas de auditório, esportes, telejornalismo e outros que não estejam ligados diretamente na produção de entretenimento não recebem esta atenção aprofundada. Nestes casos observou-se que os treinamentos eram mais dedicados ao aspecto técnico-operacional que estéticos para composição visual, mesmo sendo este componente de fundamental importância, pois a imagem é matéria prima para a produção em televisão. Uma exceção saudável sempre foi a preocupação da Rede Globo de Televisão em preparar melhor seus técnicos no tratamento dos elementos visuais da televisão em produção de entretenimento como novelas e mini-séries.

Um estudo sistematizado sobre o assunto contribuirá para que a produção com as novas tecnologias, que se realizará num crescente gradativo, seja compartilhado com os profissionais da área. Além disso, está previsto que as tecnologias da TV analógica e digital conviverão por dez anos, isto implica que as produções em alta definição (1920 x 1080 *pixels*, com relação de contraste 1000:1 e relação de aspecto da tela 16:9) ainda serão vistas em televisores de baixa definição (relação de contraste 30:1 formato de tela 4:3).

Neste cenário, pergunta-se: Como trabalhar a produção de imagem na TV digital com recursos avançados quando a maioria dos telespectadores não terá recursos para ver estas imagens nos televisores analógicos? E, como determinar novos modelos artísticos imagéticos para esta nova tecnologia, que requer radicalmente muito mais precisão e segurança nos procedimentos de produção? Por estas e outras razões é necessário resgatar o assunto, apresentar as possibilidades de produção metodológica e sistematizada e servir aos profissionais experientes e aos que iniciam na área como forma metodológica para a produção televisiva com os novos recursos oferecidos pela TV Digital.

A mudança da proporção da tela de TV de 4:3 para 16:9 poderá implicar em mudanças na disposição dos elementos que compõem e estruturam a imagem e a

criação do centro de interesse de cena. Diretores de cena, diretores de TV e diretores de fotografia discutem os problemas causados em suas obras ocasionados pela adaptação de formato. Ao elaborar o plano de cena e composição visual, os diretores tomam por base a área útil da tela, os espaços de cena, onde os elementos narrativos da imagem fazem parte do contexto da linguagem. Uma obra produzida originariamente para ser vista em tela mais larga ao ser adaptada para uma tela 4:3 perde elementos que podem ser fundamentais para a narrativa desejada.

“Aliado às gravações em alta definição, com resolução seis vezes maior do que a da TV analógica, um prego que segura o cenário, uma sujeira no tapete ou uma batinha enjambada com fita crepe saltam aos olhos do telespectador. E também ruguinhas e imperfeições das estrelas de TV. Os detalhes ficam seis vezes mais perceptíveis, exigindo soluções específicas em setores como iluminação, cenografia, figurino e maquiagem — explica Celso Araújo, engenheiro responsável pelo desenvolvimento e aplicação de alta definição da TV Globo.” (SARAIVA, 2008)²

Os diretores de cinema exigiram que suas obras, ao serem distribuídas por outra mídia, no caso os DVDs, a transposição de mídia obedecesse a exibição total da tela, para evitar grandes perdas para a narrativa visual. Por isso os filmes produzidos originariamente para cinema são disponibilizados para DVD no formato *letter-box*, que apresenta na tela a lateralidade completa da cena, ficando as partes superiores e inferiores da tela com tarja preta.

A alta definição de imagem implicará em novos conceitos em segmentos constitutivos importantes quando se enfoca a produção da imagem na televisão, tais como: a produção de maquiagem, elaboração do figurino, estruturação da cenografia e construção da iluminação, entre outros. As produções de produtos audiovisuais para televisão em alta definição estão sendo iniciadas gradativamente pelas emissoras de TV. Isto se deve porque a troca tecnológica é demasiado cara e a substituição de equipamentos se dará dentro de planos de investimentos de cada empresa. Os equipamentos em uso, no formato de definição atual continuarão sendo utilizados para as produções existentes até a substituição futura. As câmeras em alta definição conseguem captar detalhes não percebidos pelas câmeras de

² SARAIVA, Joana. **TV digital: novo modelo exige produção mais perfeccionista**. Porto Alegre: Zero Hora, 2008. Disponível em <http://www.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1§ion=Economia&newsID=a1690585.xml>

definição normal. Como exemplo a cenografia. A construção de um cenário de cozinha, com azulejos, não é construída de azulejos e sim de placas de plástico com azulejos cenográficos. A câmera atualmente utilizada percebe a placa cenográfica como azulejo. A câmera em alta definição consegue perceber a textura do material e o apresenta como plástico. Outro exemplo são os objetos de cena da categoria “alimento”. Cenas com mesas fartas e banquetes têm como elementos de cena sobre a mesa perus assados, pães, frangos cozidos, saladas com verduras, ovos cozidos e outros. Todos estes produtos são cenográficos, produzidos com uma liga especial, maleável, que somente a olho nu ou ao tocá-los é que se percebe serem cenográficos. A câmera em alta definição consegue registrar a textura do material permitindo ao telespectador identificar a irrealidade dos produtos. Vale lembrar que somente são reais os alimentos que serão levados à boca pelos atores. Quanto a maquiagem, os produtos atualmente utilizados também são percebidos com muito detalhamento pela câmera em alta definição. Acompanhando gravação de novela em alta definição na TV Globo do Rio de Janeiro este pesquisador teve acesso aos novos materiais para maquiagem para minimizar os efeitos indesejáveis que os materiais convencionais apresentavam na imagem.

O estudo dos recursos desta nova tecnologia da produção dos inúmeros segmentos da construção e veiculação da imagem na TV Digital, deve diagnosticar as alterações que ocorrem quando esta é comparada com a tecnologia anterior. A captação de imagens em alta definição, além da capacidade em registrar maiores detalhes visuais, permite, por exemplo, relação de contraste muito superior que a captação em definição convencional. A TV convencional registra os tons de cinza entre o preto e o branco na relação de 30:1. Isto significa que em uma mesma cena, o elemento mais claro não pode ser trinta vezes mais claro que o elemento mais escuro. Na TV analógica, tons de cinza que estiverem fora desta característica não são registrados. Os tons de níveis claros que ultrapassarem os trinta níveis serão vistos como branco, isto é, as imagens ficam saturadas para o branco. Os tons de cinza escuro que ultrapassarem esta relação serão vistos como preto. Porém, a capacidade de registro da câmera em alta definição ultrapassa a percepção dos 150 níveis de cinza que o olho humano consegue perceber, o que permite que na mesma cena seja possível conter elementos de cinza que ultrapassem os limites vistos em um televisor convencional. O problema a ser considerado é que, a maioria do público telespectador ainda vai ver TV convencional pelos próximos dez anos. Se

a produção em alta definição não respeitar as limitações características da TV convencional, uma cena registrada em alta definição acima dos trinta níveis de cinza serão vistas num receptor de alta definição, mas não no receptor convencional provocando a alteração da mensagem visual pretendida pelos diretores. Um exemplo é a Rede TV que transmite programas de auditório em alta definição. Programas foram assistidos no ar durante esta pesquisa, simultaneamente em receptor convencional ao lado de receptor em alta definição. Foi observado que composições visuais em alta definição bem percebidas no receptor digital não eram vistas no receptor convencional, alterando a mensagem visual do programa. Será um grande desafio para os produtores produzir imagens que satisfaçam aos dois tipos de receptores, analógicos e digitais, pelo menos durante o período de convivência entre os dois formatos até que o analógico seja desativado.

Nos próximos dez anos, as emissoras de televisão deverão transmitir suas programações nos dois formatos, analógico e digital, simultaneamente. Por isso os produtores de TV deverão levar em conta que toda nova produção, com os recursos do formato 16:9, em alta definição, não obstante possuir recursos de alta relação de contraste, alta nuance nas cores e alta definição, será vista em televisores analógicos comuns pela maioria dos telespectadores brasileiros, cuja tecnologia não permite exibir estes recursos, alterando a imagem concebida no ato da produção.

O resultado estético de uma obra depende diretamente da tecnologia utilizada para sua produção. Um jornal impresso em preto e branco não pode publicar fotos coloridas cuja composição visual colorida é a narrativa desejada pela mensagem. Assim também ocorrer com a TV em alta definição. É imperativo manter sempre presente a realidade que durante os próximos dez anos os telespectadores ainda receberão TV em televisores comuns. O grande desafio dos produtores de TV será produzir imagens em alta definição com alta relação de contraste cujo conteúdo estético, dependente da tecnologia de produção e exibição para ser observado, possa ser captado, editado, pós-produzido e visto no receptor convencional sem distorções da mensagem. Se os produtores de conteúdo não se atentarem nestas características correrão o risco de ter sua obra distorcida na recepção analógica. Esta situação continuará até o momento em que a televisão analógica for definitivamente desativada, previsto no Brasil para 2016.